



Plano de Gestão Etnoambiental da Terra Indígena Sete de Setembro

Expediente

© Equipe de Conservação da Amazônia (ACT Brasil Edições 2008)
É permitida a reprodução de parte desta publicação, desde que citada a fonte.

1ª Edição. Tiragem: 500 exemplares
Fechamento desta edição: Setembro de 2008

Associação Metareilá do Povo Indígena Suruí

Coordenador Geral: Almir Narayamoga Suruí
Secretário Executivo: Arildo Gapamé Suruí
Tesoureiro: Renato Labiway Suruí

Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé

Conselho Deliberativo: Ivanete B. C. da Silva, Israel Correia Vale Junior, Mônica Nascimento, Samuel Vieira Cruz.
Coordenação Geral e de Projetos: Ivaneide Bandeira Cardozo
Coordenação Administrativa Financeira: Alcilene Pereira Paes
Consultoria Técnica para o Plano de Gestão da Terra Indígena Sete de Setembro: Carlos Salgado e Rogério Vargas Motta

Equipe de Conservação da Amazônia (ACT Brasil)

Presidente: Vasco van Roosmalen
Vice-Presidente: Almir Narayamoga Suruí
Coordenação de Meio Ambiente: Marcelo Segalberba
Assessoria Antropológica: Thiago Ávila

Ficha Técnica da publicação

Conselho Editorial

Almir Narayamoga Suruí, Ana Carolina Kalume Maranhão, Emani Pilla, Israel Correia Vale Junior, Ivaneide Bandeira Cardozo, Thiago Ávila, Renata Carvalho Giglio, Vasco van Roosmalen.

Projeto Editorial e Edição de Textos

Ana Carolina Kalume Maranhão

Produção e Projeto Gráfico

Masanori Ohashy – Idade da Pedra

Diagramação

João Gonçalves – Idade da Pedra

Textos

Almir Narayamoga Suruí, Ivaneide Bandeira Cardozo e Carlos Salgado

Revisão

Ana Carolina Kalume Maranhão, Renata Carvalho Giglio e Masanori Ohashy – Idade da Pedra

Fotos

© Arquivo Kanindé, Metareilá e Equipe de Conservação da Amazônia (ACT Brasil Edições); Thomas Pizer – Aquaverde; Andrea Ribeiro

Impressão

Gráfica Athalaya

O Plano de Gestão da Terra Indígena Sete de Setembro foi financiado pela Secretaria de Coordenação da Amazônia - Ministério do Meio Ambiente (MMA).

Agradecemos a colaboração dos parceiros que apoiaram a execução de todo trabalho: Rogério Vargas Motta, Luiz Carlos Mareto, Eloisa Helena, Pedro Rodrigues, Elenice Duran, Ivanete B. C. da Silva, Andrea Ribeiro, Isa Rogedo e a todo povo Paiter-Suruí.

Agradecimentos especiais às seguintes instituições que foram fundamentais para a realização do projeto: Amigos da Terra (Suécia), Fundação Nacional do Índio (Funai – Cacoal/RO e Depima/BsB) e Equipe de Conservação da Amazônia (ACT Brasil).

Esta publicação foi realizada com o patrocínio de *The Richard and Rhoda Goldman Fund*, com objetivo de prestar um serviço às comunidades indígenas do povo Paiter-Suruí do estado de Rondônia (RO).

Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé
Rua Dom Pedro II, nº 1892, sala 07
Nossa Senhora das Graças. Porto Velho – RO
Cep: 78.901-150
Tel/Fax: (69) 3229-2826
kaninde@kaninde.org.br
www.kaninde.org.br

Equipe de Conservação da Amazônia (ACT Brasil)
SAS Quadra 03, Bloco C
Ed. Business Point, Salas 301 a 306
Cep: 70.070-934 - Brasília - DF
Tel: (61)3323-7863
Fax: (61)3323-7854
actbrasil@actbrasil.org.br
www.actbrasil.org.br

Associação Metareilá do Povo Indígena Suruí
Avenida JK, nº 5217
Riozinho. Cacoal – RO
Cep: 78.980-000
Tel/Fax: (69) 3443-2714
orggamebey@gmail.com
www.suruí.org

Índice

Introdução	4
Contextualização histórica, social e ambiental	8
Diretrizes e paradigmas do Sistema Nacional de Etno	
Desenvolvimento Sustentável	10
■ Diretrizes	10
■ Paradigmas norteadores	11
Objetivos do plano de gestão	12
Metodologia	15
Subprogramas: contexto diretrizes	16
■ Estruturais	16
■ Diagnóstico e planejamento estratégico participativo	16
■ Transferência de conhecimentos e informações	16
■ Autonomia no gerenciamento e monitoramento de projetos	16
■ Temáticas	17
■ Segurança alimentar	17
■ Saúde integral	18
■ Educação	20
■ Cultural	22
■ Sustentabilidade ambiental	25
■ Habitação e construções indígenas sustentadas	29
■ Meios e vias de transporte	30
■ Matriz energética	32
Crítérios de sustentabilidade	34



Introdução

As comunidades indígenas têm experimentado um grande processo de transformação para o mundo tecnológico. Contudo, historicamente, essa busca, tem levado-os a um caminho de dependência expressiva por tecnologias e bens manufaturados, externos ao seu universo.

Diversas sociedades Indígenas têm procurado caminhos onde a implementação do etnodesenvolvimento, muitas vezes é espelhando em processos regionais de curto prazo, meramente econômicos, onde a questão etnotecnológica e o uso dos recursos naturais são desvinculados de preocupações com o impacto ambiental por ele gerado.

Nossa sociedade, em seu papel de agente transformador, deve preocupar-se com os processos de modificação do *modus vivendi* tradicional das sociedades indígenas, para que eles ocorram de forma adequada, buscando antes o respeito à organização étnica diferenciada e às condições ambientais hoje limitantes a seus processos de etnodesenvolvimento Sustentado.

Apesar da frágil ação do Estado, dos esforços indigenistas coletivos e individuais e dos trabalhos de voluntariado anônimo, o quadro de fome e miséria que assola a grande maioria das populações indígenas, continua grave.

O alerta parte do Instituto de Estudos socioeconomicos (Inesc) que desde 1995, em sua publicação "Mapa da Fome Entre os Povos Indígenas no Brasil", demonstra que temos grande parte das sociedades indígenas submetidas à miséria e à subnutrição.

A carência qualitativa e quantitativa de políticas públicas para encaminhar o quadro atual de demandas e soluções para dimensão territorial da questão, coloca o Estado como vilão histórico do processo.

A auto-suficiência das diversas etnias através da utilização sustentada dos recursos naturais possibilitará a manutenção da biodiversidade no território, permitindo assim a sobrevivência sociocultural desses povos, que ainda mantêm uma forte integração com as forças que regem a natureza e o homem.

Com a ocupação de terras no Brasil restam poucos, muitas vezes reduzidos, territórios para uma grande quantidade de etnias, sendo cada vez mais difícil a migração interna, necessária ao funcionamento do sistema tradicional de usufruto dos recursos ambientais.

A demarcação de terras insuficientes ou inadequadas e a grande pressão no entorno da terra indígena geram um quadro caótico de exaustão dos recursos naturais utilizados: seguem primeiro os que mais se prestam à fácil sobrevivência e são priorizados para uso imediato.

A falta de controle e conhecimento detalhado, sobre boa parte dos fatores que contribuem para o aumento acelerado da degradação do meio ambiente nas terras indígenas, tem contribuído para o aumento do dano ambiental.

Com o contato interétnico, hábitos antigos de sobrevivência e importantes sementes se perderam. Perdeu-se, portanto, parte do que lhes possibilitava uma horticultura variada, para uma alimentação disponível, rica e equilibrada. O rompimento do sistema de segurança alimentar de grande parte das sociedades indígenas gerou a miséria social, contribuindo de forma contundente no aumento da degradação ambiental.

Os sistemas de produção de alimentos priorizam hoje, culturas que exigem uma alta rotatividade dos sítios, desgastando-os, sem nenhum compromisso com a sustentabilidade cada vez mais necessária, levando à exaustão dos recursos ambientais.

A diminuição da diversidade alimentar, induzida pela erosão genética, é observada em praticamente todas as terras indígenas. A base alimentar, em algumas épocas, se restringe quase que exclusivamente ao arroz branco e, mesmo em pequena quantidade, ou com fartura, à mandioca que jamais é esquecida.

Os animais são cada vez mais raros e pouco valor se dá a outras fontes protéicas, comuns antigamente em pequenas quantidades nas roças, como cipós,



inhames, favas, mandiocas, milhos, carás, feijões, abóboras, cabaças, batatas-doce, amendoins entre tantas outras plantas que poderiam ser agregadas ao sistema de segurança alimentar.

A busca de caminhos para a auto-sustentação Paiter tem historicamente envolvido as comunidades locais em atividades introduzidas ao seu universo cultural que mesmo que apresentem boa rentabilidade quando desenvolvidas na sociedade espelho, no caso de sua implementação em terras indígenas acabam em colapso, gerando frustrações e compromissos para a sociedade indígena e para seus dirigentes. O mesmo fato acontece com diversas outras atividades que são incentivadas pelos órgãos de fomento e assistência do Estado, federais, estaduais e municipais: mais frustrações e mais compromissos não cumpridos.

Em meio a frustrações, ações descontínuas, escassez de recursos humanos e financeiros e falta de construção de um plano de alternativas, a miséria humana se estabelece. Quando isso acontece, a sociedade perde o respeito por seus próprios valores e caminha para o uso perigoso e sem sustentabilidade dos recursos à sua volta. Esse processo leva fatalmente à sua fragmentação e, conseqüentemente, à exaustão dos recursos naturais do ambiente onde vivem. Ao final, restam a fome, as doenças e uma sociedade sem estrutura, sem forças para viver.

Para que os Paiter não tenham o mesmo destino incerto que diversos outros povos têm seguido e, para quem sabe, pela oportunidade de realizar experiências adaptáveis a outras etnias, possibilitando também o estabelecimento de seus processos de etnodesenvolvimento sustentado, estes decidiram realizar o plano de gestão de seu território.

Pretendemos estabelecer aqui uma nova forma de repassar, mediante uma metodologia educativa, conhecimentos sobre manejo e uso de recursos naturais para produção de alimentos, construção, saúde, processamento, preparação e colocação de produtos no mercado, dentre outros. Uma escola de entendimento holístico, sobre os diversos componentes necessários ao etnodesenvolvimento Sustentado com a construção de um programa que atenda de fato as necessidades atuais dos Paiter sem comprometer a sustentabilidade sócioambiental futura.

A Associação Metareilá do Povo Indígena Suruí vem à frente do processo de articulação para a discussão do plano. Para tanto, promoveu uma reunião da qual participaram o Departamento de Patrimônio Indígena e Meio Ambiente (Depima) da Funai, a Administração Executiva Regional da Funai em Cacoal, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a Secretaria Municipal de Saúde, a Fundação Nacional de Saúde (FNS) e a Secretaria de Coordenação da Amazônia do Ministério do Meio Ambiente e a Kanindé.

Assim, pretende-se tratar no Programa Paiterey grande parte das questões que dizem respeito à sobrevivência da sociedade indígena Paiter procurando experimentar e descobrir caminhos para o atendimento de suas atuais demandas, preparando-os nesse processo para o atendimento das futuras demandas de forma integral, autônoma e sustentável.





Contextualização Histórica

Os Suruí de Rondônia, autodenominados Paiter (Povo Verdadeiro), constituem uma população de aproximadamente 1,2 mil pessoas que falam uma língua do tronco Tupi e família Mondé. Vivem na Terra Indígena Sete de Setembro, em um território de aproximadamente 248mil147hectares, localizado no sudeste de Rondônia e noroeste de Mato Grosso.

Foram contactados por expedição oficial da Funai, chefiada pelo sertanista Francisco Meirelles, em sete de setembro de 1969, ocasião em que se verificava o início da violenta migração humana oriunda do sul do país para Rondônia, em busca de terras e melhores condições de sobrevivência e vida, com estímulo do Governo Federal, através do Incra.

Tiveram por volta desse período grande parte de seu território invadido e conseguiram retomá-lo parcial e definitivamente apenas em 1983, a custa de muitos confrontos com o governo e os próprios colonos. Além disso, fora dos limites do território retomado ficaram reservas de matéria prima que constituíam a base para a confecção de artefatos de sua cultura material como a taquara, tradicionalmente utilizada para a confecção de suas flechas. Por outro lado, ficaram no interior desses limites os cafezais dos colonos invasores que, herdados pelos Paiter, constituíram a primeira experiência mercantil do grupo. Com estímulo da Funai, dividiram o grupo que antes vivia em grandes malocas instaladas em um mesmo local, em 10 aldeias localizadas nas proximidades dos cafezais e nos finais das estradas coletoras, (linhas) do projeto de colonização.

ca, Social e Ambiental

Por ocasião do contato oficial, segundo dados de Jean Chiappino, a população estaria constituída em torno de 800 pessoas. Dessa época os Suruí mais velhos guardam a mais amarga lembrança e dizem que, embora tivessem trazido coisas boas, “na ponta dos facões e das facas os brancos trouxeram a desgraça e a morte”.

O processo de degradação física e cultural ganhou um rumo rápido, em função da grande proximidade com a população sulista migrante e com os núcleos populacionais que cresciam rapidamente em Rondônia, como Cacoal e Espigão D’Oeste.

O povo indígena Paiter-Suruí, no entanto, discorda desta afirmação e diz terem sido 5 mil o número de pessoas encontradas durante o primeiro contato. Dois anos depois este número foi reduzido a 250 pessoas. Grande parte das mortes se deve a uma epidemia de sarampo, contraída por uma visita amigável a um acampamento de colonos.



Diretrizes e Paradigmas de Etnodesenvolvimento

Diretrizes

Para a execução prática do plano, buscamos o desenvolvimento de uma metodologia de trabalho que procure implementar;

- Política indigenista agro-ambiental sustentável
- Política indígena de desenvolvimento agro-ambiental sustentável
- Diagnósticos agro-ambientais participativos
- Desenvolvimento de cartas temáticas ambientais
- Formação de interlocutores ambientais mediante uma metodologia educacional
- Manejo agro-ambiental sustentável
- Programas de etnodesenvolvimento sustentado
- Formação de um banco multimídia de dados ambientais



Paradigmas Nortecedores

- Estabelecer a sustentabilidade sócioambiental com a melhoria gradativa da qualidade de vida perdida
- Valorizar e resgatar o conhecimento tradicional indígena relativo à sobrevivência e ao uso sustentável dos recursos naturais
- Considerar a perspectiva de gênero, valorizando a participação da mulher como agente modificador da realidade ambiental
- Respeitar as classes etárias e outras formas de organização cultural por grupos, buscando o envolvimento da população como um todo
- Valorizar a unidade familiar de produção e sobrevivência, valorizando a sua existência como forma de organização primária, respeitando as formas de organização comunitária
- Resgate da segurança alimentar, com o restabelecimento da saúde através da alimentação
- Acesso à informação ambiental, através da construção de mecanismos que facilitem a sua implementação
- Desenvolvimento dos trabalhos ambientais com o uso de metodologias educativas





Objetivos do Plano de Ges

Geral

- Implementar o Programa Paiterey para a gestão ambiental, estabelecendo procedimentos e diretrizes para o encaminhamento das demandas sócio-cultural, de forma a permitir condições para o uso responsável dos recursos naturais gerando os benefícios necessários, a valorização da cultura e a conservação do meio ambiente

Específicos

- Realizar o levantamento técnico-científico da fauna da Terra Indígena Sete de Setembro, que não ocorreu durante o Diagnóstico Agroambiental Participativo, cuja informações foram levantadas apenas com informação oral dos indígenas
- Desenvolver projetos alternativos de produção de alimentos, farmácia viva, habitação sustentável e geração de excedentes comercializáveis
- Elaborar um plano de manejo de recursos naturais com ênfase para os recursos florestais de usos múltiplos para a recuperação ambiental de áreas de floresta já impactadas
- Promover a cultura Paiter, com a criação do Centro de Formação e Pesquisa Indígena para divulgação da cultura na sociedade regional, nacional e internacional
- Viabilizar a implementação do programa de melhoria da qualidade e da comercialização dos artesanatos indígenas
- Desenvolver uma marca indígena (marketing) para a colocação diferenciada de produtos no mercado local, regional e nacional
- Implantar a escola agroambiental Paiterey como instrumento para repasse de conhecimentos ambientais sobre uso dos recursos naturais
- Implantar a Universidade Indígena
- Desenvolver a proteção ambiental da Terra Indígena







Metodologia

Foram criados subprogramas de acordo com áreas estruturais e temáticas. A área estrutural refere-se às bases sobre as quais se desenvolvem o planejamento, a execução, o gerenciamento e o monitoramento de projetos. Também se refere a diversas atividades humanas, necessárias para se atingir os objetivos, sendo elas as orientadoras de projetos específicos. Cada subprograma é tecnicamente orientado por diretrizes, que nortearão a elaboração dos projetos.

O tempo é uma questão delicada a ser definida previamente. Para o plano de gestão, que pretende trabalhar mudanças de paradigmas sobre o uso e conservação de recursos naturais, trabalharemos, em um primeiro momento, com uma estimativa de 20 anos de planejamento, procurando ações sustentáveis em termos sociais, culturais, ambientais e econômico.

Para o seu sucesso, o plano de gestão deverá contar com a assessoria constante de técnicos e consultores especializados, que possam, junto com os Suruí, fazer as adequações e encaminhamentos para sua execução. Esse esforço técnico deve ser maior no início do plano, diminuindo em médio prazo, e deve desaparecer em longo prazo.

Para o financiamento das atividades serão buscadas fontes oficiais que trabalham com recursos não reembolsáveis. Em um segundo momento o plano poderá trabalhar com recursos próprios oriundos das atividades econômicas que destinarão parte de seus lucros a um Fundo Rotativo de Cooperação.

A elaboração do plano teve como base o Programa Paiterey. Ao longo do processo, haverá reuniões de monitoramento e avaliação. Com esse procedimento poderemos, sempre que quisermos, promover alterações necessárias ao longo do tempo de implementação do programa, reforçando o caráter dinâmico do plano.

A vertical photograph on the left side of the page shows a tree trunk with several horizontal white paint bands. The background is a blurred green forest. The right side of the page has a dark blue header with white text.

Subprogramas

Contextos e diretrizes

Estruturais

■ Diagnóstico e planejamento estratégico participativo

Para o manejo sustentável dos recursos naturais na Terra Indígena Sete de Setembro foi desenvolvido o diagnóstico agroambiental participativo. Esse diagnóstico deve ser o suporte para a elaboração do plano de manejo florestal de uso múltiplo e de diversos outros projetos relativos ao uso dos recursos naturais na Terra Suruí.

■ Transferência de conhecimentos e informações

Através do sistema de ensino formal e das formas de ensino livre, como Escola Agroambiental, Centro de Vivência Cultural e Biblioteca Ambiental, pretendemos construir um forte sistema de repasse de conhecimentos e tecnologias de fácil apropriação pelos Suruí.

■ Autonomia no gerenciamento e monitoramento de projeto

A implementação de atividades de capacitação, que repassem os conhecimentos, desenvolvam diagnóstico de forma participativa e privilegiem a participação pró-ativa dos Suruí em todos os projetos, assegura a autonomia de gerenciamento e monitoramento do plano. Neste sentido, devem ser desenvolvidas atividades específicas com a preparação de membros da sociedade para assumir o seu papel.

O gerenciamento do plano deve ser feito pelas organizações indígenas, com pessoal capacitado em administração de recursos financeiros e na gestão de projetos. Cada organização deve definir qual subprograma irá executar e elaborar projeto específico a ser implementado.

Não é aconselhável que um mesmo subprograma seja desenvolvido por duas organizações diferentes, pois traria dificuldades na gestão e na tomada de decisões.

Temáticos

■ Segurança alimentar

Reestruturação dos bancos de sementes

Apresenta especial atenção aos processos de resgate dos sistemas tradicionais de produção de alimentos, como alternativa aos atuais sistemas que vêm sendo implementados através de tecnologias antagônicas ao sistema tradicional indígena.

Os bancos autônomos de sementes devem ser estruturados com base prioritária para alimentos que ficam em baixo da terra e permite uma maior mobilidade de colheita, sendo a seguir contemplados os de ciclo curto que precisam ser colhidos rapidamente após a maturação. Deve-se procurar o uso de alimentos que têm seu ponto de maturação em épocas de maior escassez de provisões.

Subsistência

Com a reestruturação dos bancos de sementes e do sistema de produção poderemos garantir um novo tempo para os Suruí. Assim poderemos garantir um melhor atendimento às demandas internas por alimento de qualidade e diminuir a dependência por produtos de baixa qualidade que são adquiridos fora, quase sempre velhos e contaminados.

Educação alimentar

Estabeleceu-se a necessidade de análise mais profunda sobre a modificação dos hábitos tradicionais de alimentação, procurando verificar os alimentos abandonados, os introduzidos e as suas implicações com o aparecimento e desenvolvimento de doenças.

Quintais agroflorestais

São aqui objetivadas as áreas de produção no entorno da casa. Os projetos a serem desenvolvidos buscam enriquecer os quintais com espécies medicinais, frutíferas nativas e introduzidas, plantas



utilizadas para a confecção de artesanato, plantas ornamentais e fornecimento de material para construções e aproveitamento energético. Como é nesse espaço que se acumula grande quantidade de adubos sustentáveis, poderemos produzir bastante alimento, assim reforçaremos o sistema de produção das roças.

Dessa forma estaremos dando atenção ao uso do espaço doméstico, onde privilegiaremos a atuação das mulheres, sendo este um procedimento que trará a luz da discussão ambiental na unidade de produção, a valorização da perspectiva de gênero.

■ Saúde integral

A resolução de problemas da área de saúde se apresenta relativamente bem encaminhada. Devendo porém ser realizadas novas reuniões para discussão mais aprofundada dos seguintes temas:

Água

A água e sua estrutura de uso é precária, havendo a necessidade de melhoria no abastecimento de água potável em quase todas as 24 aldeias. Para a captação de água, quando for a melhor opção, devem ser construídos poços semi-artesianos, com bombeamento elétrico ou solar, restringindo-se o uso dos atuais geradores a óleo diesel.

Por ter sido incorporado pelos Suruí, o hábito de filtrar é amplamente utilizado

Saneamento Básico

A preocupação aqui é macroambiental e origina-se da possível degradação ambiental a ser causada com a contaminação por resíduos tóxicos depositados nas microbacias a montante da terra indígena, nas fronteiras agrícolas de desenvolvimento, por projetos agropecuários e de colonização e outras atividades degradadoras externas e internas.

O ambiente no entorno das aldeias é bastante sensível e costumeiramente uma fonte de reinfecção de doenças parasitárias, havendo um grande desperdício de matéria própria para a adubação orgânica de árvores, que anos após darão frutos úteis para o reforço alimentar.

Ficou estabelecida a necessidade de um trabalho eficaz de saneamento que permita uma melhor salubridade à vida dos Paiter, com soluções de maior compromisso social, e um menor impacto ambiental

Formação de agentes indígenas de saúde e saneamento

Deverá haver investimento nos agentes indígenas de saúde para que possam cursar a faculdade de medicina e enfermagem, garantindo assim um atendimento de qualidade na terra indígena.

Necessário ainda se faz a formação de agentes indígenas de saneamento para tratarem dos temas de esgoto, lixo e educação na área de saneamento e os outros temas relativos ao atendimento primário na área de saúde.

Atendimento médico hospitalar

Ficou estabelecida a necessidade de tratamento diferenciado não discriminatório, sendo fundamental o acompanhamento do tratamento pelo agente indígena e profissional de saúde devidamente habilitado, além do uso de alimentação tradicional durante os internamentos. Os tratamentos deverão privilegiar os procedimentos da medicina tradicional indígena.

Participação dos Suruí

A participação dos Suruí nas discussões e encaminhamentos para o atendimento à saúde, tais como os conselhos municipais de saúde e os distritos sanitários devem ser feitos com qualidade técnica. Para tanto faz-se necessário a formação técnica para que os participantes exerçam sua função de conselheiros com qualidade.

Valorização e resgate das formas de cura tradicional

A desvalorização da medicina tradicional, com a sua substituição por opções da medicina ocidental, fez com que o conhecimento ancestral sobre doenças e práticas de cura utilizado milenarmente desaparecesse do cotidiano indígena.

O apoio e incentivo às práticas tradicionais de cura devem ocorrer de modo a se fortalecer os pajés e os indígenas que exercem a medicina tradicional.

Uso da medicina alternativa como opção à alopatia

Deve-se dar atenção para as possibilidades de cura através das práticas da medicina alternativa, antes mesmo de se iniciar tratamentos alopáticos. Esse procedimento poderá diminuir os custos de medicalização e evitar uma série de efeitos colaterais causados por drogas alopáticas.

O remédio sustentável: Farmácia Viva

Deve-se apoiar a iniciativa, como a manipulação de plantas e outras matérias - primas para a fabricação sustentável de remédios.

As vantagens do desenvolvimento de uma Farmácia Viva para o processamento de ervas medicinais e sua manipulação para a fabricação de pomadas, xaropes e outros remédios de uso comum, deverão ser incentivadas. Dessa forma, poderemos suprir as demandas por remédios novos para doenças novas e por novos processos de manipulação para remédios antigos.

■ Educação

Métodos formais de aprendizado através das escolas oficiais do Ministério da Educação

É necessário dar maior atenção à continuidade e à ampliação da formação de professores indígenas, como forma de passar essa atribuição à própria comunidade.

A criação de uma escola padrão que dê continuidade a uma formação diferenciada é uma reivindicação dos Suruí. Já se sente a falta de escola que atenda a alunos após a 4ª série e indo da 5ª à 8ª e ao segundo grau.

Existem oito estudantes indígenas cursando faculdade em Porto Velho e Cacoal (RO). A meta é implantar a Universidade Indígena dentro da Terra Indígena Sete de Setembro, que atenda ao povo Paiter-Suruí e aos demais estudantes indígenas do Brasil.

Métodos livres de aprendizado através do ensino informal

Diferentemente do ensino formal, aqui não se pretende formar índios com diploma para a sua atuação junto à sociedade nacional, nem alfabetizá-los para o entendimento da cultura do não-indígena, mas sim prepará-los para o estabelecimento dos processos de sustentação do próprio etnodesenvolvimento Sustentado.

Mudam também os alvos para capacitação, que aqui passam a ser as unidades familiares de produção, ou seja, a própria família e não um aluno ou aluna isolado.

Assim será criada a escola agroambiental Paiterey, que se constitui em um centro de capacitação e vivência ambiental que abrangerá as áreas de saúde integral, sistemas agroflorestais, manejo florestal, alternativas de produção e verticalização econômica, ecoturismo e colocação de produtos no mercado.

A escola será constituída na região do rio Branco, onde foi feito o primeiro contato com os Paiter e dela participarão unidades familiares de produção, representantes de todas as aldeias

Essa escola será administrada de forma autônoma pelos próprios indígenas, através da Associação Metareilá, podendo contar com o apoio inicial de outras organizações.

Será criado ainda o Centro de Cultura e Tecnologia Paiter, onde serão apoiados indígenas para realizarem junto com pesquisadores não indígenas pesquisas culturais e científicas, via convênios e parcerias com instituições e institutos de pesquisa, faculdades, ongs e empresas.

Infra-estrutura operacional

Nas aldeias só existem duas escolas - pólo até o ensino fundamental funcionando em prédio adequado e para o reforço e desenvolvimento de atividades relativas ao ensino formal bilíngüe, deverão ser construídas quatro escolas padrão com uma sala de aula e três escolas com duas salas de aula.

Além da construção dessa base para o ensino formal, deverá ser construída uma escola agroambiental que atenderá a todas as aldeias e trabalhará com unidades familiares de produção. A escola funcionará quatro vezes ao ano, por períodos de vinte dias.



■ Cultura

Promoção e difusão cultural

A criação do Centro de Cultura e Tecnologia Paiter deverá prestar suporte ao desenvolvimento de atividades de valorização da cultura indígena. Nesse local serão feitas exposições de arte indígena para recepção do público em geral, cursos com programações pré-definidas e recebimento de turistas que passam pela região.

Como forma de prestar maior suporte às atividades, serão desenvolvidos produtos visuais que valorizem sua língua, seus mitos, tradições e rituais, tais como: camisetas, cartões postais, livros e outros materiais, que poderão ser vendidos no próprio centro. Será criado um sítio na Internet para veiculação de informações relativas à cultura.

Arte material indígena

A arte indígena permeia todo o universo dos Paiter, que buscam resolver o simples com qualidade, dispondo apenas do que a natureza lhes oferece. Um programa de apoio ao desenvolvimento do artesanato dos Povos Indígenas de Rondônia deve ser construído em Riozinho, anexo à Metareilá, que dará suporte aos trabalhos com a colocação da arte - material que se destinar ao comércio.

Manejo agroambiental sustentável

Os Paiter têm procurado o desenvolvimento de atividades que supram os recursos financeiros necessários ao atendimento de demandas que vão além da simples subsistência. Assim, devem ser desenvolvidos projetos que ajudem a criar essas alternativas que deverão ser planejadas com mais cuidado e orçamento adequado para garantir o sucesso de suas ações.

O Plano de Manejo Florestal de Uso Múltiplo e de Reflorestamento da Terra Indígena deve ter o acompanhamento de engenheiro florestal e deve ser implementado pelos indígenas.

A busca da certificação do Plano de Manejo de Uso Múltiplo e de Reflorestamento deve ser um dos objetivos a ser alcançado.

Contexto dos projetos em desenvolvimento

Na linha 14 vem sendo desenvolvido um projeto onde foi recentemente implantado um cafezal com 100 mil pés. Esse projeto encontra-se em fase de implantação, estando no momento com dificuldades relativas à irrigação, sendo que para o seu plantio a terra foi preparada com mecanização e foram utilizados adubos químicos, seguindo a regra geral para plantios comerciais convencionais.

Nesse projeto da linha 14, não há consórcio com outras culturas, nem se seguiu recomendações básicas sobre conservação de solos, tais como cobertura morta e curva de nível, o que além de garantir menor perda de nutrientes, amenizaria o déficit hídrico. Dessa forma, deverão ser acrescentadas ao projeto novas culturas, compatíveis com o café, que possam diversificar a produção; dando uma maior estabilidade ao sistema. As práticas necessárias à sua melhoria serão repassadas na Escola agroambiental e no próprio projeto.

Na linha 11, existe o projeto do Programa de Apoio às Atividades Produtivas Agropecuárias em Terras Indígenas, desenvolvido pelo Ministério da Agricultura. Esse projeto encontra-se em fase de desenvolvimento inicial com atividades de produção de matérias-primas para fabricação sustentada de ração para peixes, criação de gado e de peixes. O projeto não tem sido devidamente acompanhado pela Emater, que ficou responsável por sua assistência técnica e não tem feito nada, tanto que a barragem arrebentou. Neste sentido faz-se necessária a reconstrução da barragem e a aquisição de alevinos, pois esta é uma base alimentar tradicional do povo Surui, quando vivia as margens do rio Branco.

O projeto precisa passar por uma readequação completa de seus objetivos e tecnologia de implementação, pois, assim como no projeto da linha 14 o projeto carece de tecnologias de conservação de solos, adubação sustentável e composição de sistemas agroflorestais mais diversificados e estáveis.

Estabilização dos sítios de produção de alimentos

A situação atual dos sítios de produção de alimentos em terras indígenas apresenta um sistema dependente, desestruturado, de baixa diversidade genética quantitativa e qualitativa, sem planejamento e que se exaure em pouco tempo, sendo necessária uma grande rotatividade de sítios.

O uso de metodologias agroambientais de produção de alimentos, com baixo impacto ambiental e efetiva sustentabilidade, busca valorizar, reforçar e resgatar os bancos de sementes, aumentando a variabilidade e estabelecendo um fluxo mais estável na produção de alimentos ao longo do ano. Aqui os roçados serão estabelecidos por mais tempo estando sujeitos aos processos agro-florestais para o sítio de uso, através do emprego autosustentado da fertilização e conservação de solos.

Sustentabilidade econômica

Suporte técnico

A procura de alternativas econômicas sustentáveis, para que se tenha êxitos, exige conhecimentos técnicos dos recursos naturais como solos, espécies adaptadas, doenças, pragas e outros. No processo de produção agroflorestal e animal, mesmo de forma extensivas, é necessário que se tenha o mínimo de aplicação e orientação técnica.

Agregação de valores agroindustriais

A venda de matéria bruta explorada da natureza tem sido a prática mais comum das populações rurais de baixa renda. A manufatura da produção rural acrescenta valor monetário de forma exponencial. Essa estratégia deve ser acompanhada de uma capacitação nas técnicas de produção e conhecimento de mercado, na busca de preço justo para a produção indígena.

Estratégias de marketing

O marketing tem um poder mágico na determinação do interesse do consumidor por um produto. A embalagem e meios de divulgação de um determinado produto indígena é fundamental para o sucesso do empreendimento. A criação de uma marca que identifique o produto Paiter agregará valor à produção.

Exploração e estabelecimento de mercado

Deve-se buscar contratar um consultor de mercado, que possa promover a articulação e o contato dos indígenas com os produtores e consumidores, para que possam ter compradores de seus produtos que valorizem a cultura indígena.

Estudo de sustentabilidade interna e externa de mercado

Uma vez conquistado um mercado em determinada área, é importante ter uma perspectiva de curto, médio e longo prazo dos outros produtores que competem no mesmo mercado, mesmo a nível internacional.

A contratação de uma consultoria que possa fazer esses estudos é necessária para que os Paiter possam garantir mercado aos seus produtos.



■ Sustentabilidade Ambiental

Valorização cultural

O investimento em atividades que promovam a realização de rituais e formas tradicionais devem pautar todas as atividades do plano de gestão.

Correção das atividades degradantes adquiridas

Todas as atividades agro-silvopastoris que vêm sendo desenvolvidas na Terra Indígena deverão passar por uma análise e adequação. Aos projetos devem ser agregados condicionantes de conservação de solos e umidade, critérios de sucessão para sistemas agro-florestais, adubação sustentada e outras práticas que contribuam com sua melhoria produtiva e maior rentabilidade financeira.

Uso sustentado de recursos naturais

Diversas idéias podem aqui se encaixar de forma a encontrar soluções inovadoras, habilmente arquitetadas em parcerias exequíveis. Esses projetos de forte interação ambiental (dependência pelo meio ambiente) geram interlocutores ambientais indígenas, que estarão preparados para discutir e raciocinar a dimensão ambiental.

É necessária a elaboração de um banco de informações que nos permita, em curto, prazo estabelecer um diagnóstico sobre as potencialidades de implementação de modelos sustentáveis de uso desses recursos e seus benefícios com relação à alimentação, à saúde e à conservação ambiental.

Criação de abelhas

A Funai já desenvolve o programa Criação de Abelhas Nativas em Terras Indígenas, sendo esta uma estratégia básica para a formação de ambientalistas da própria comunidade que estarão entre os principais interlocutores para a discussão da temática ambiental e construção participativa de alternativas sustentáveis de sobrevivência.

O apoio à criação de abelhas nativas deve ser uma das metas a serem devolvidas pelo Plano de Gestão, desde sua criação à colocação no mercado do produto com a marca Paiter.

Viveiros florestais/reflorestamento

A iniciativa do desenvolvimento da atividade agroflorestal cria uma grande demanda por mudas de plantas frutíferas para a composição dos sistemas de manejo. A produção sustentada das mudas na própria aldeia deve ser incentivada, pois além da economia considerável, tanto na aquisição quanto no transporte das mudas, teremos em funcionamento constante uma sala de aula especial para o processo de conscientização ambiental.

Os Paiter tem como meta plantar um milhão de árvores e implantar pequenos viveiros em todas as aldeias que deverão atuar de forma descentralizada, com a produção de parte das mudas no espaço familiar.

Outra objetivo é disponibilizar mudas de árvores para serem plantadas junto aos colonos, fora do território indígena, iniciando o projeto com o plantio às margens dos igarapés e rios para recuperar a mata ciliar.

Essa ação terá caráter educativo, para que os fazendeiros e pequenos produtores rurais possam recuperar a mata ciliar, proteger os recursos hídricos e cumprir a meta de ter 50% da reserva legal recuperada como diz o código florestal.

Sistemas agroflorestais (SAFs)

Com a implantação dos viveiros teremos condições de priorizar a implantação de SAFs nas aldeias.

Extrativismo

A exaustão dos recursos extrativistas na região, devido ao desmatamento, faz com que seja necessário a implantação de sistemas de produção extrativistas, com o plantio de mudas nativas como de tucumã, inajá, que são utilizados nas artes indígenas.

Educação ambiental

A educação ambiental deve ser desenvolvida nas aldeias, trazendo entendimento e apropriação de novas técnicas.

Novos hábitos

Com o desenvolvimento do Plano de Gestão, será necessário se adequar às novas formas de produção, o que não significa deixar de lado o sistema tradicional.

A valorização da unidade familiar de produção e comércio será incentivada, valorizando a tradição de cooperação para trabalho de produção comunitária.

Parte importante da sustentabilidade social será garantida se forem colocadas, de forma clara e concisa, quais as responsabilidades individuais e coletivas com a condução e adequação do programa.

Proteção, recuperação ambiental e benefícios

Os ecossistemas florestais são os principais pontos afetados pela retirada seletiva de madeiras e pela garimpagem. O sistema de produção de alimentos também dá sua contribuição, mesmo que em menor escala, pois sua grande rotatividade, aliada a pequenos estoques de recursos ambientais para implantação dos sítios, acaba por não permitir a recuperação do sítio antigo em tempo hábil para a sua reutilização.

As roças podem e devem ser mais permanentes. Precisamos construir uma nova concepção sobre agroecossistema e sucessão vegetal, demonstrando a possibilidade de exploração continuada dos sítios ao longo de períodos mais extensos, onde as necessidades sócioambientais futuras estejam contempladas.

Devido à inoperância do Estado, é urgente que os Paiter construam seu próprio sistema de proteção ambiental, onde possam estabelecer um Plano de Proteção do território indígena, no qual os indígenas sejam os agentes ambientais, tendo o controle de seu patrimônio.

Proteção territorial: vigilância e fiscalização

Deve-se dar grande importância a essas ações. As ações de vigilância e fiscalização não se sustentam e acabam por sofrer interrupções desastrosas. É necessário que o sistema esteja devidamente sustentando economicamente em uma matriz mais completa, onde se produzem recursos que se destinem a essa finalidade.

Aqui, o que se propõe é capacitar os agentes ambientais indígenas para atuarem na vigilância de seu território, tendo a infra-estrutura necessária para agirem, tais como: capacitação, criação de postos de vigilância, material e veículos para defenderem o meio ambiente.

Negociação de benefícios da dívida ambiental

ICMS Ecológico

Deve-se trabalhar políticas públicas para que os recursos do ICMS Ecológico que vão para o município de Cacoal sejam repassados para a organização indígena. Esta deverá aplicá-los na defesa de suas terras. Uma vez conquistada essa etapa, cabe reivindicar a contrapartida dos governos municipais em relação a esse benefício, obtido por efeito da terra indígena.

Mecanismo de desenvolvimento limpo

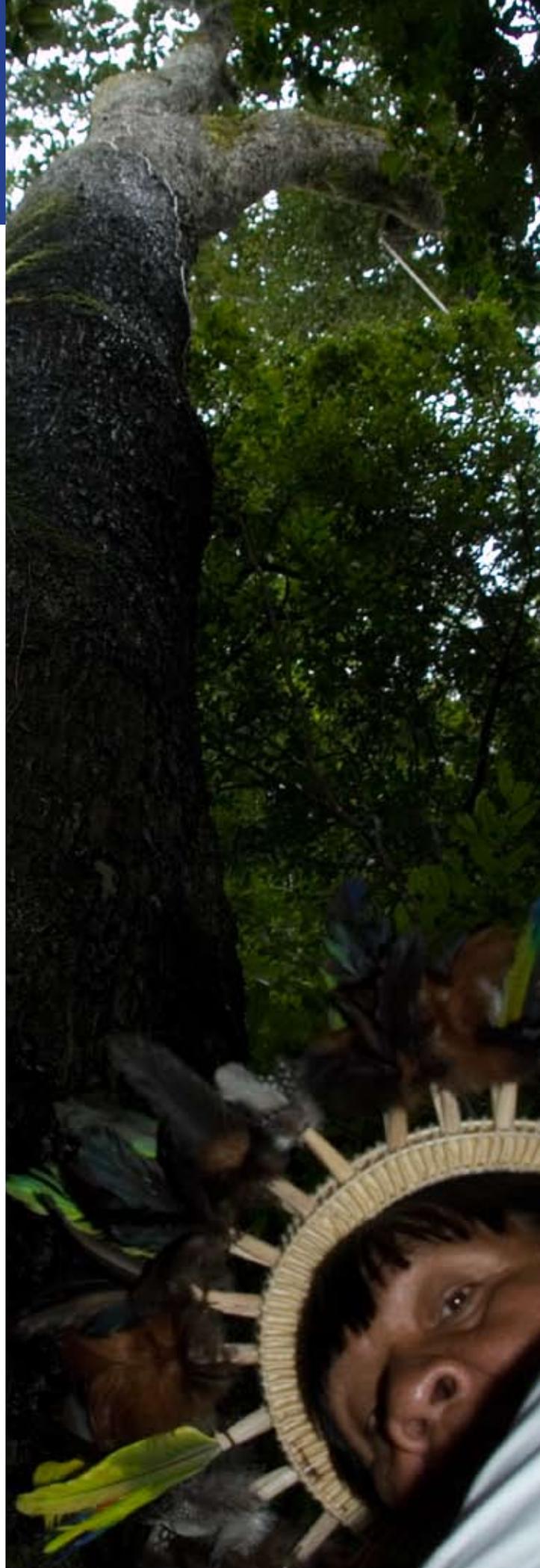
Instrumento da Convenção “Quadro de Mudanças Climáticas” da Organização das Nações Unidas (ONU) é outro espaço a ser negociado com grande capacidade de propor meios de não emissão de CO₂, tendo a biomassa da terra indígena protegida como sumidouro desse gás. Essa fonte de negociação já se faz presente em unidades de conservação da Costa Rica e Bolívia. Um bom trabalho de articulação pode fazer-nos avançar na valoração da floresta amazônica, principalmente nas terras indígenas.

A proposta é buscar parcerias para desenvolver ações que garantam a manutenção da floresta em pé e o pagamento de serviços ambientais por essa proteção, além de apoio para saber a valoração e o benefício adquiridos com essa ação.

Biodiversidade

Preocupados com a evasão de recursos genéticos das terras indígenas e do conhecimento de uso associado desenvolvido imemorialmente pelas sociedades nelas existentes, precisamos desenvolver um programa de conservação da biodiversidade. Para tanto, é necessário resgatar as práticas tradicionais de conservação e uso de recursos genéticos e ecossistemas endêmicos.

A busca de parcerias com a Embrapa, organizações não-governamentais e instituições de pesquisa para o conhecimento e preservação da biodiversidade local e a capacitação de indígenas para atuarem no desenvolvimento de pesquisa e proteção da fauna, flora e recursos hídricos é uma das metas deste plano.





■ Habitações e construções indígenas adaptadas

A habitação adequada é condição inicial para o estabelecimento da melhoria da qualidade de vida. Buscando uma linha no desenvolvimento de projetos sustentáveis de baixo custo e impacto ambiental reduzido, é importante a realização de trabalhos que permitam o uso sustentado de tecnologias de construção alternativas com o uso do bambu e outros materiais de fácil sustentação.

As aldeias não devem perder toda sua originalidade e tradição de construção, pois é como não mais falar a língua materna, não saber da sua própria história. Podemos misturar nas construções indígenas materiais mais adequados, respeitando sempre o saber indígena e a beleza da forma de suas malocas.

Não menos importante é a demanda por cerca para pastagens, quintais, roças e pomares, bem como a necessidade de diversas outras construções.

Para diminuir a demanda por recursos predominantemente utilizados como cerca, existem diversas possibilidades de substituição, como, por exemplo cercas vivas.

Ao longo do tempo, temos visto o abandono gradativo de construções de maior sustentabilidade que as atuais, que são procuradas pela facilidade de realizá-las em tempos de recursos fáceis. Assim, recomenda-se o uso de materiais originários de palmeiras diversas e outros tradicionalmente mais disponíveis.

Há a necessidade de resgatar a arquitetura tradicional com algumas modificações, sendo importante a criação de um programa de moradia, onde parte dos materiais e mãos-de-obra serão fornecidas pelos Paiter.



■ Meios e vias de transporte

Construção e manutenção de estradas de uso exclusivo indígena

A construção e a manutenção de estradas de uso exclusivo indígena é de responsabilidade de todos os governos. Do federal com o DNIT; do estadual com o DER; as brigadas e consórcios; as secretarias municipais de transporte.

A construção de estradas que se destinam a fomentar atividade ilegal de exploração de qualquer recurso natural devem ser proibidas. As que se destinam às ligações das aldeias, entre si e com seus sistemas de produção de alimentos, devem ser incentivadas.

As estradas já existentes carecem de recuperação e terraplanagem para suportar o período chuvoso.

Sistema de transporte

O sistema de transporte na Terra Paiter é precário. Hoje são utilizados o veículo da Funai que atende à área de vigilância e fiscalização, um caminhão velho que atende à produção e um veículo da Funasa que atende à área de saúde. Porém, todos esses de veículos estão em péssimo estado de conservação.

Os Paiter necessitam veículos próprios que atendam às necessidades de transporte de produção na época adequada, de veículo para atuar na proteção preventiva e de veículo para atender à saúde nos momentos de emergências, já que os da Funasa sempre chegam na aldeia atrasados.

Infra-estrutura operacional necessária

As aldeias carecem de infra-estrutura, que viabilizem suas atividades e dêem sustentabilidade a suas ações.

Para cada programa deve-se ter um planejamento da infra-estrutura necessária. Listamos abaixo algumas das necessidades gerais que, além de contribuir para uma meta, é complementar a outras ações.

Para a vigilância

- 02 Toyota 4x4 cabine dupla
- 02 Toyota 4x4 cabine dupla com carroceria fechada
- 12 motocicletas para vigilância preventiva
- Construção de 03 Postos de Vigilância- PIV
- Aquisição de material de utilidade doméstica para os PIVs
- Mobiliário para os PIVs
- 12 GPS
- 03 lap top
- 03 Placas solares

Para a produção

- 02 Caminhões para transporte da produção
- 1 Trator potente com carreta e lâmina frontal para reparos em estradas
- 1 Trator pequeno com carreta
- 20 Carroças para cavalo
- 20 Galpões para guardar a produção
- 02 trilhadeiras de grãos
- 02 beneficiadoras de café
- 20 terreirões
- 03 Piscicultura
- Ferramentas agrícolas
- 40 Carrinhos de mão
- 01 barco de alumínio 8 mts
- 01 motor de popa 15 hp
- Material para os viveiros

Para educação

- Construção de escolas nas aldeias
- Construção da universidade e seu campus
- Construção de 01 biblioteca indígena
- Construção da escola agroambiental
- Aquisição de equipamentos de informática para as escolas e universidade
- Aquisição de equipamentos escolares e livros na área de meio ambiente e educação indígena

Para valorizar a cultura

- Construção do Centro de cultura e tecnologia Paiter
- Construção do Centro de Vivência Cultural
- Construção do local em Riozinho para expor o material cultural e venda dos produtos indígenas

Para melhorar a via de transporte

- Construir e recuperar as estradas de acesso às aldeias

Para melhorar a arquitetura das casas nas aldeias/saneamento básico

- Construir casas de moradia, buscando respeitar a arquitetura indígena aliada a materiais de construção não-indígena
- Construir malocas em todas as aldeias para fazer reuniões e receber visitantes
- Construir locais apropriados para banho e sanitários
- Construir sistema de tratamento de água e esgoto nas aldeias

■ Matriz energética

Biodigestores

Capacitar e preparar os indígenas para utilizar biodigestores.

Energia elétrica

Existem cinco aldeias que precisam ser atendidas pelo programa de energia elétrica.

Novas possibilidades energéticas

Motor multicomcombustível

Existe hoje no mercado tecnologia para a fabricação de óleo de amêndoas de babaçu e outras palmeiras em pequena escala, que poderá servir como combustível de motores multicomcombustível.

Esse mercado deve ser alcançado pelos Paiter, já que existem muitas palmeiras de babaçu na Terra Indígena.

Energia hidráulica

Nos processos de irrigação com tecnologias sustentáveis, as rodas d'água e carneiros deverão ser priorizados, pois o custo é reduzido e se consegue grande eficiência para pequenas áreas.

Energia solar

Dentre as formas de energia limpa, podemos destacar o uso da energia solar que poderá se adequar a diversas atividades e demandas dos Paiter. Seu custo inicial não é tão grande e as manutenções reduzidas, sendo uma excelente opção principalmente em épocas de maior verão.







Critérios de Sustentabili

Sustentabilidade Sócio-cultural

- Valorização e resgate cultural em diversas áreas do conhecimento
- Capacitação em diversas áreas temáticas
- Melhoria da qualidade de vida
- Adequação das novas atividades à cultura indígena
- Adaptação de costumes às novas atividades
- Educação agroambiental para leitura e entendimento de novas técnicas
- Valorização da unidade familiar de produção e uso recursos ambientais
- Sistema de cooperação comercial
- Planejamento e execução autônoma de projetos
- Responsabilidade individual e coletiva com a condução e adequação do programa
- Realização de um festival cultural

Sustentabilidade Ambiental

- Integridade física e territorial da Terra Indígena
- Manejo sustentável de recursos naturais
- Resgate e promoção das formas tradicionais de uso dos recursos naturais
- Correção das atividades degradantes adquiridas
- Reflorestamento

Sustentabilidade Técnica

- Suporte técnico de assessoria e consultoria
- Formação de técnicos indígenas

Sustentabilidade Econômica

- Estratégias de marketing e verticalização da produção
- Análise de mercado a curto e médio prazo
- Convênios e outras formas de parceria
- Fundo rotativo de gestão da floresta Paiter
- Avaliação do plano deve ocorrer de três em três anos como forma de análise dos resultados e apontamento futuros





Associação Metareilá do Povo Indígena Surui

Avenida JK, nº 5217, Riozinho
Cacoal/RO Cep: 78.980-000
Tel/Fax: (69) 3443-2714
orggamebey@gmail.com
www.surui.org



Rua Dom Pedro II, nº 1892, sala 07
Nossa Senhora das Graças
Porto Velho/RO Cep: 78.901-150
Tel/Fax: (69) 3229-2826
kaninde@kaninde.org.br
www.kaninde.org.br